

A INTEGRAÇÃO DOS NEOLOGISMOS POR EMPRÉSTIMO AO LÉXICO PORTUGUÊS

Ieda Maria ALVES*

RESUMO: Os termos estrangeiros empregados em uma língua podem constituir estrangeirismos e empréstimos. Com base em um corpus extraído de revistas e jornais brasileiros contemporâneos, procuramos estudar a fase neológica do empréstimo e a integração desse elemento à língua portuguesa.

UNITERMOS: Neologia; neologismo por empréstimo; estrangeirismos.

1. NEOLOGISMOS. DEFINIÇÃO E TIPOLOGIA

O sistema lexical de uma língua está constantemente se inovando. A este propósito, afirma B. Quemada (19, p. 137-8) que “se tornou evidente, para a maioria dos usuários, que uma língua de cultura moderna, necessariamente científica e técnica, não deve ver na neologia lexical apenas um mal inevitável. É a primeira condição a partir da qual o idioma pode permanecer um instrumento de comunicação nacional, mesmo internacional, e não ser apenas uma língua viva. Deve até considerar a criatividade lexical como parte responsável pela sua riqueza imediata, como o sinal evidente de sua vitalidade. Uma língua que não conhecesse nenhuma forma de neologia seria uma língua morta e, em suma, a história de todas as nossas línguas constitui a de sua neologia”.

Neologismo é definido por Boulanger (4, p.65-6), como uma unidade do léxico, palavra, lexia ou sintagma, cuja forma significante ou a relação significante-significado /.../ não estava realizada no estágio imediatamente anterior de um determinado sistema lingüístico. Assim, neologismo constitui uma unidade lexical de criação recente, uma acepção nova que se atribui a uma palavra já existente ou, então, um termo recentemente emprestado a um outro código lingüístico. Com base nesta definição, o A. estabelece três tipos de neologia: *formal*: neologismos criados por meio de derivação, composição, siglas, redução de palavras ou pela articulação de uma ou diversas sílabas que possuem um valor significante inédito; *semântica*: neologismos criados pela atribuição de um novo significado a um mesmo segmento fonológico; *por empréstimo*: neologismos que resultam da adoção de um lexema estrangeiro**.

Ao ser criado, o neologismo deve ser integrado ao sistema de uma língua. Esta integração deve obedecer aos critérios ortográficos, fonológicos e morfossintáticos desse idioma. Limitar-nos-emos, neste trabalho, ao estudo dos neologismos por empréstimo

* Departamento de Lingüística — Instituto de Letras, História e Psicologia — UNESP — 19.800 — Assis — SP.

** Alguns autores, como M.T. Biderman (1, p.158), consideram o empréstimo um tipo de neologia formal e classificam os neologismos em apenas duas categorias: formais e semânticos. K. Bochmann (3, p. 79) refere-se a certas escolas lingüísticas que, sobretudo na Rússia e na Romênia, tendem a considerar neológica apenas a inovação formal.

empregados na língua portuguesa e de sua integração a esse sistema lingüístico. Para tanto, usaremos exemplos recenseados em revistas e jornais brasileiros contemporâneos.*

2. NEOLOGISMOS POR EMPRÉSTIMO

Ocorre a neologia por empréstimo quando um elemento estrangeiro (expressão, conteúdo ou ambos) é utilizado numa determinada língua e passa a ser codificado por ela (15, p. 52).

Nem sempre, porém, o emprego de um lexema num outro sistema lingüístico supõe sua integração a esse idioma. E. Haugen (14, p. 213-5) propõe uma tipologia formal do neologismo por empréstimo. Denomina *modelo* a unidade lexical da língua A que é empregada pelos usuários da língua B. Assim, pode ocorrer a *importação* ou a *substituição* do elemento modelo. Dá-se a importação quando a unidade lexical recebida mantém-se inalterável formalmente; em caso contrário, há substituição. Haugen divide os neologismos por empréstimo em: *loanswords* — importação morfêmica sem substituição; *loanblends* — substituição morfêmica e importação; *loanshifts* — substituição morfêmica sem importação. A integração do termo estrangeiro ocorre na fase dos *loanblends* — quando o elemento externo se incorpora a uma classe morfológica e também na dos *loanshifts* — que correspondem aos decalques e aos casos de evolução semântica causados pela influência estrangeira.

Baseando-se na capacidade receptiva de um sistema lingüístico aos empréstimos, Vocadlo (22, p. 170) classifica as línguas em: *homogêneas* (teutônicas, celtas) — pouco acolhedoras às expressões estrangeiras; *amalgamadas* (neolatinas, grego moderno) — recebem empréstimos de idiomas aparentados; *heterogêneas* (inglês, romeno, persa) — abertas a elementos estrangeiros.

Preferimos adotar a classificação proposta por Guilbert (11, p. 92-3), segundo a qual o lexema externo à língua constitui um *estrangeirismo* ou um *empréstimo*. No primeiro caso, incluem-se os nomes próprios, patronímicos, termos que exprimem realidades sem correspondência na língua receptora. O empréstimo constitui o elemento já integrado ao sistema lingüístico adotante, como diz Weinreich (23, p. 11): “Quando um falante da língua x emprega uma forma de origem estrangeira não como um empréstimo eventual da língua y, mas porque ele ouviu o termo estrangeiro sendo usado por outros falantes em x — enunciados, este elemento externo pode ser considerado, do ponto de vista descritivo, como parte da língua x.”**

A fase neológica do termo estrangeiro situa-se entre o estrangeirismo e o empréstimo e corresponde à sua instalação no sistema de uma língua. Tal fase, de caráter transitório, é denominada *peregrinismo* (5, p. 224). Nesse período de difusão, o elemento estrangeiro pode adaptar-se ao idioma que o recebe. L. Guilbert (11, p. 96-8) adota três critérios, por meio dos quais essa unidade lexical é considerada em fase de integração a uma língua: morfossintático, semântico e fonológico.

** Os exemplos citados foram extraídos das revistas *Capricho* (Ca), *Cláudia* (Cl), *Desfile* (De), *Isto É* (IE), *Manchete* (Ma), *Veja* (Ve), *Visão* (Vi) e dos jornais *O Diário de São Paulo* (DSP), *o Estado de São Paulo*, (ESP), *Folha de São Paulo* (FSP).

** Uma outra tipologia, proposta por Schank (21, p. 67-88), distingue entre empréstimos não integrados, parcial e totalmente integrados, o que corresponderia a uma divisão entre *palavras de citação*, *estrangeirismos* e *empréstimos*. Segundo esta classificação, o estrangeirismo representa a unidade lexical já em vias de integração a um sistema lingüístico.

2.1. Critério Morfossintático

2.1.1. Composição e Derivação

Quando o lexema estrangeiro constitui a base de uma derivação ou de uma composição de acordo com a morfossintaxe de uma língua, ele está se integrando ao léxico desse sistema. Assim, podemos afirmar que um termo emprestado faz parte de uma comunidade lingüística desde que seja susceptível de derivação e de composição, tal como os elementos autóctones.*

Em português, registamos alguns neologismos** compostos de termos estrangeiros e prefixos (ou elementos de composição) vernáculos: “Durante os últimos dias foram presas 25 pessoas nas manifestações *antiapartheid*” (<prefixo *anti* — + base inglesa *apartheid*) (FSP, 07.12.84, p. 15, c.6); “Porque é o único que se transforma em Toca-Fitas: basta ligá-lo num *Auto-Deck* Motorádio” (< elemento de composição *auto* — + base inglesa *deck*) (Ve, 06.08.81, p.10); “... toca-discos belt drive semi-automático e *auto-repeat*...” (< elemento de composição *auto* — + base inglesa *repeat*) (Ve, 16.12.81, p. 147); “... ela usa *maxipull* e meiões em malha canelada, ...” (< elemento de composição *maxi* — + base inglesa *pull*) (De, 05.81, p. 56, c. 1); “... a calça comprida, também em seda, que tem corte *semibaggie*, da *Decan-Deux*” (< elemento de composição *semi* — + base inglesa *baggie*) (De, 04.81, p. 92); “... o resultado da pesquisa sobre o “Craque do Ano” e um *super-poster* surpresa” (< prefixo *super* — + base inglesa *poster*) (VE, 16.12.81, p. 141).

Alguns neologismos resultam da composição de uma ou duas unidades lexicais vernáculos e de uma estrangeira: “... saia reta em lã cor de tomate e *blazer-jaquetão* com botões dourados, ...” (< base inglesa *blazer* + base portuguesa *jaquetão*) (De, 05.81, p. 88); “Ela usa três peças básicas: *calças* — *jogging* em malha, ...” (< base portuguesa *calças* + base inglesa *jogging*) (De, 05.81, p. 72); “*Calças* — *training* em malha, pull em molleton com grafismo, ...” (< base portuguesa *calças* + base inglesa *training*), (De, 05.81, p. 68, c.2); “... calças levemente afuniladas e spencer com *gola* — *summer*...” (< base portuguesa *gola* + base inglesa *summer*) (De, 04.81, p. 50); “Frente para o mar. *Piscina* — *deck*. Playground” (< base portuguesa *piscina* + base inglesa *deck*) (Ve, 11.02.81, p. 6); “Logo no número de Jorge Amado você ganha um *poster* — *calendário*” (< base inglesa *poster* + base portuguesa *calendário*) (Ve, 12.08.81, p. 119, c.3); “... junto ao *pull-jaquetão* em malha usado com colete acolchoado, ...” (< base inglesa *pull* + base portuguesa *jaquetão*) (De, 05.81, p. 69); “... a *saia* — *calça* — *Kilt* com detalhes em pelica, ...” (bases portuguesas *saia* e *calça* + base inglesa *Kilt*) (De, 05.81, p. 83); “O tecido xadrez pode ser adotado, desde que miúdo e em cor escura /.../, no *vestido* — *housse* em sarja Flezal, ...” (< base portuguesa *vestido* + base francesa *housse*) (De, 06.81, p. 79, c.2).

Observamos também alguns neologismos criados por meio da derivação sufixal nominal, em que a base estrangeira, um nome próprio, contribui para a formação de substantivos comuns: “Contudo, uma curta frase faz vacilar, na constituição *breshneviana*, o edifício dos direitos e garantias” (< bases russas *Breshnev* + sufixo — ano) (ESP, 19.06.77, p. 174, c.7); “O *gaullismo* funciona hoje, na França, como uma doutrina teológica dispersada entre diversas religiões” (< base francesa /De/ *Gaulle* +

* Cf. Franolic (8, p. 247), George (10, p. 64-6), Dubois (6, p. 15).

** Consideramos neológicas as unidades lexicais não dicionarizadas pelo *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Aurélio Buarque de H. Ferreira (edição de 1975). (7).

suf. — *ismo*) (FSP, 14.06.77, p. 10, c.4); "...lideranças confessadamente totalitárias, *maotsetungistas* ..." (< base chinesa *Mao Tse Tung* + suf. *-ista*) (ESP, 17.06.77, p. 3 c.4); "... num clima de confusão política e de divisão entre *gaullistas* e *giscardianos*, socialistas e comunistas" (< bases francesas /De/ *Gaull* e *Giscard* /d'Estaing/ + suf. — *ista*) (ESP, 14.06.77, p. 9, c.1).

A integração de uma unidade lexical recebida por empréstimo pode ser bastante significativa, de modo que o sufixo estrangeiro pode gerar derivados com uma base vernácula. É o que ocorre em francês, em que os sufixos *-ing* e *-man* ocasionam a criação de falsos anglicismos, constituídos por elementos ingleses inexistentes na língua inglesa: *lifting*, *planking*, *printing* (suf. — *ing*), *comingman*, *crossman*, *limitman*, *scratchman*, *tennisman*,... (suf. — *man*) (10, p. 65; 13, p. 109). Fenômeno semelhante é citado por Franolic (9, p. 356) em relação a empréstimos franceses providos do mesmo sufixo que entraram em grande número na língua croata, de tal modo que o sufixo, reconhecido como tal pelos falantes, desligou-se de sua base e tornou-se capaz, por sua vez, de formar palavras novas com radicais autóctones. Nesse caso, o sufixo integrou-se ao sistema sufixal do croata. Em *Language*, Bloomfield (2, p. 429) refere-se ao emprego, em inglês, de termos de origem francesa constituídos com o sufixo *-able*, *-ible*, (*agreeable*, *excusable*, *variable*), o qual se estendeu a outras bases inglesas, como *bearable*, *drinkable*, *eatable*,...*

2.1.2. Classe Gramatical

A maior parte dos neologismos recebidos por empréstimo no português pertence à classe gramatical dos substantivos, mais raramente à dos adjetivos e à dos verbos. Este fato ocorre não somente em nossa língua, mas é comum em todos os sistemas linguísticos**. Bastante raros são os empréstimos de palavras gramaticais.

Em geral, o elemento recebido por empréstimo conserva a classe gramatical que possuía na língua de que procede: "Chega ao Brasil, num salto de liderança, o '*basket*' mais completo e avançado do mundo!" (*basket* — substantivo no inglês e no português) (Ma, 21.08.82, p. 91). Algumas vezes mudam de classe gramatical, como os substantivos ingleses *direct-drive*, *holding* e *quick-vision*, empregados adjetivamente: "... além do primeiro toca-disco *direct-drive* que, virtualmente, não apresenta nenhum wow e flutter" (Ve, 29.09.76, p. 93, c.1-2); "Com a criação da Portobrás, os portos terão uma empresa '*holding*'..." (Ve, 22.12.76, p. 83); "Graças ao sistema '*Quick-Vision*', exclusivo da Philips, ..." (Ma, 18.12.76, p. 46, c.2).

2.1.3. Gênero e Número

Os neologismos por empréstimo introduzidos em uma língua integram-se normalmente a seu sistema de flexão em gênero e número.

Quando emprestado a línguas que se flexionam quanto ao gênero, o termo estrangeiro quase sempre segue a língua original, como os elementos franceses *foureaux* e *tours* e o espanhol *tribunales*: "... aí temos *um foureaux* em veludo lavrado..." (De, 06.81, p. 80); "Comece *seu tour* pela Europa com o esplendor..." (Ma, 27.11.76, p. 8).

* Segundo Mattoso Câmara Jr., (18, p. 258), tais tipos de empréstimos são numerosos e frequentes, mesmo sem a existência de contato espacial de dois sistemas linguísticos. Basta apenas que alguns lexemas, com uma determinada estrutura mórfica, sejam emprestados para que seus sufixos constitutivos se tornem produtivos na língua importadora.

** Cf. Jespersen (16, p.211-2), Machado (17, p.272), Biderman (1, p.165).

54, c.1); “Esta tarde, o episódio deverá repetir-se outra vez nos escuros e estreitos corredores do edifício dos ‘tribunales’ buenaireses” (ESP, 30.06.77, p.9, c.1).

Se a língua doadora não possui flexão em gênero, o elemento emprestado tende a receber um, ao integrar-se a um sistema lingüístico provido dessa flexão (5, p. 257). Em português, é comum à maioria dos nomes receberem o gênero masculino, o não — marcado (1, p. 165)*: “No Brasil é o designer Nilo de Almeida quem cria esta moda especial:...” (CI, 10.82, p. 9); “... que há 40 anos vem determinando a qualidade e o ‘blend’ de cada xerez ...” (Ve, 18.08.82, p.12, c.1); Mas para o pessoal que quer mais opções, a Santista tem os *Colors* e os *Blacks*” (Ve, 18.05.83, p. 23).

Em relação à flexão em número, o termo estrangeiro geralmente conserva em português o número original: “Essas palavras significam que Old Smuggler é o blend de 38 dos mais finos *malt whiskies* produzidos na Escócia” (Ma, 13.11.76, p. 74); “Você vai entender porque o Passat não é apenas um campeão de *rallies*” (Ma, 11.12.76, p. 59); “E descubra tudo aquilo que os outros *scotches* prometeram” (Ma, 21.08.76, p. 135).

Na verdade, o neologismo por empréstimo pode guardar a flexão em número da língua de que provém por um período limitado. Na medida em que se integra à língua importadora, tende a adaptar-se ao seu sistema de formação de plural**. “Especializada em pratos típicos da região sul da Itália, a casa lembra as genuínas *trattorias* de Bari, ...” (Ve, 23.09.81, p. 50, c.2).

2.1.4. Decalque

Um modo mais insidioso de integração da expressão estrangeira processa-se por meio do decalque, que consiste na versão literal desse elemento externo para a língua receptora: “Abbud — *Alta costura* masculina” (< francês *haute couture*) (Ve, 07.01.81, p. 51). Pode ocorrer alteração na ordem dos termos, ao serem transpostos para a língua portuguesa. Assim, *lojas de departamentos*, sintagma calcado no inglês *department stores*, obedece à ordem determinado e determinante, mais usual no português: “Um dos importantes setores da economia /.../, caracterizando-se por possuir hoje uma das mais importantes cadeias de *lojas de departamentos* em nosso país” (IE, 28.01.81, p. 98).

2.2. Critério Semântico

Segundo o critério semântico, a instalação do termo estrangeiro ocorre quando tal elemento introduzido na língua receptora com um único significado, torna-se polissêmico.

Assim, o francês *détente*, introduzido na política internacional para significar a distensão entre os Estados Unidos e a Rússia, é também aplicado à política brasileira: “Se o próprio presidente propôs a *détente*, cabe aos políticos dos dois partidos aceitá-la e dar curso a esta proposição” (ESP, 17.06.77, p. 4, c.1). *Gulag*, substantivo próprio russo que intitula uma obra de A. Solzenitzin (*O Arquipélago Gulag*), é empregado em

* Guilbert. (12, p. 1584) observa que a atribuição do gênero masculino ou feminino a um termo estrangeiro pode ser condicionada por fatores de sentido e forma. Em francês, *pacha* e *odalisque* pertencem ao masculino e ao feminino, respectivamente, embora o turco, de onde se originam tais palavras, ignore a flexão em gênero. Esta constatação também se aplica ao português, em que *odalisca* pertence ao gênero feminino e *paxá* ao masculino. Os elementos ingleses *girl*, *milady* e *miss* são integrados ao gênero feminino do português (cf. 7) por se referirem a pessoas do sexo feminino.

** Dubois (6, p. 14) exemplifica tal afirmação com a palavra italiana *dilettante* que, empregada no francês, guardou durante um certo tempo o plural *dilettanti*, antes de adaptar-se ao plural francês *dilettantes*.

referência às ditaduras militares na América Latina: “Pelos cálculos da IADB, 170 de seus diplomados hoje ocupam cargos de destaques no ‘gulag’ de ditaduras militares na América Latina” (FSP, 19.06.77, p.1, c.2). As unidades lexicais *blue jeans* (ou *jeans*) e *lingerie*, de origem inglesa e francesa, respectivamente, foram introduzidas em português para designar peças do vestuário. Passaram a ter, posteriormente, uma nova acepção: a de nomear os tecidos que servem para confeccionar tais peças: “Você está sempre elegante com esta saia de *jeans* da Queene” (Cl, 06.81, p. 103); “... como este conjunto de calça e blusa de *lingerie*, ...” (Cl. 05.81, p. 106).

2.3. Critério Fonológico

Segundo este critério, um termo estrangeiro começa a fazer parte do léxico de uma língua à medida que se integra fonologicamente a ele. Na verdade, o elemento estrangeiro tende a adaptar-se ao sistema fonemático da língua receptora*.

Algumas vezes, como observa Weinreich (23, p. 28), podemos precisar que a integração fonológica do empréstimo é posterior à introdução desse elemento por via escrita: é o caso, por exemplo, do inglês *gasoline*, que no japonês coloquial do Havaí é pronunciado/g'aswrin/.

Assim, o termo emprestado não é adaptado fonologicamente à língua importadora; ao contrário, recebe uma pronúncia de acordo com o sistema fonológico desse idioma.

A adaptação fonológica do termo estrangeiro revela-se por uma adaptação ortográfica: “O *birô* político o nomeou ministro da Administração Interna” (< francês *bureau*) (FSP, 20.06.77, p.2, c.4); E isto é apenas um simples exemplo das maravilhas de uma cidade com 40 teatros de primeira classe, com *butiques* coloridas...” (< francês *boutique*) (Ve, 17.11.76, p. 116, c.1); “Como este conjunto de calça e blusa de *lingerie*, com jaqueta de tafetá em *degradês*” (< francês *dégradê*) (Cl, 05.81, p. 106); “Não faltaram fé nem confiança ao rei don Juan nem ao *premiê* Adolfo Suárez” (< francês *premier*) (FSP, 19.06.77, p.2, c.1).

Entretanto, mesmo que uma unidade lexical já tenha sido dicionarizada e aportuguesada, podemos encontrá-la grafada de acordo com a língua de que procede. Eis alguns exemplos, tomados ao francês: “... para quando a ocasião exige um vinho de sabor e *bouquet* ligeiramente frutê.” (Vi, 09.05.77, p. 2); “No alto da página, duas versões do *chemisier*, peça indispensável no guarda-roupa da mulher elegante” (De, 04.81, p.84); “Ao lado, vestido Crylor estampado em suaves ondas azul/cinza, cintorolotê e mangas *raglan*, da Deblu” (De, 04.81, p. 60); “*Mousse* de pêssego. Bata no liquidificador uma lata de leite Moça...” (Ma, 25.12.76, p. 65, c.1); e ao inglês: “O Pas-sat disputou quatro campeonatos de *rallye*” (Ma, 11.12.76, p. 59); “100% *nylon*. Exclusividade Tabacow” (Ma, 14.05.77, p. 101). O *Novo dicionário da língua portuguesa* (7) registra as formas mencionadas respectivamente como: *buquê*, *chemisiê*, *raglã*, *musse*, *rali* e *náilon***.

2.4. Critério de Frequência.

Nem sempre a expressão estrangeira empregada na língua portuguesa adapta-se à

* Cf. Mattoso Câmara Jr. (18, p. 263), George (10, p. 63), Weinreich (23, p. 14).

** Este fato significa, para Guiraud (13, p. 103), que tais palavras traduzem denotações semânticas estrangeiras ou são portadoras de conotações estilísticas.

sua fonologia e ortografia. Em alguns casos, a forma original permanece. Parece-nos, entretanto, que a frequência do termo emprestado, ainda que empregado na sua forma nativa, constitui um critério para a sua aceitabilidade na língua portuguesa. Eis alguns exemplos de lexemas ingleses (*design*, *jeans*) e francês (*griffe*) frequentes em português*: “Uma grande coleção de jóias e relógios, em ouro 18 K de *design* exclusivo, espera por você na Natan” (Ma, 07.05.83, p. 2); “Etiqueta francesa com qualidade brasileira no *design* e no conforto” (Cl. 10.82, p. 9); “O lado feminino do *jeans*” (Ca, 12.82, p. 3, c.3); “*jeans* produzidos por confecções Zopa Ltda.” (Ve, 01.12.82, p. 78); “Conheça a nova *griffe* Berta” (Ma, 30.04.83, p. 52); “Na Tilty’s encontro de tudo o que preciso para vender em minha butique. E com tudo o que se possa desejar de uma *griffe*, ...” (De, 10.82, p. 29, c.3).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de criado, o elemento neológico faz parte da dinâmica da língua. Como bem assinala Saussure (20, p. 133), os termos de uma língua são solidários e o valor de cada um resulta da presença simultânea dos outros. Assim, toda criação neológica contribui para alterar o funcionamento da língua e é alterada pela criação ou desaparecimento de outros elementos.

Entretanto, sabemos que a existência de um neologismo é ratificada pela aceitação da sociedade em que ele está inserido, pelo seu uso efetivo nessa comunidade. E não podemos, *a priori*, determinar a possibilidade que tem uma unidade lexical neológica de ser aceita e de ser realmente integrada ao código da língua. B. Quemada (19, p. 141) manifesta-se a respeito: “O uso, este mestre inquieto na medida em que ele soube guardar seu mistério, é de fato uma síntese de forças muito diversas, oriundas de tendências psicológicas, econômicas, culturais, de regras de economia funcional da educação, etc., fatores que condicionam o aparecimento, a difusão e as oportunidades de sobrevivência de um neologismo. A multiplicidade destes fatores, tanto quanto seu caráter flutuante, explica a aparente dificuldade de apreensão e, para alguns, a arbitrariedade do uso”.

Uma vez consagrado pelo uso, o elemento neológico é geralmente inserido num dicionário. Constitui o dicionário o critério final, segundo o qual um neologismo é integrado ao léxico da língua. Atribui-se assim, ao lexicógrafo, o poder de decidir sobre a aceitabilidade ou não de um novo termo ou expressão e sobre sua incorporação à língua. Observa L. Guilbert (11, p. 54) que, por causa desse poder que é concedido ao lexicógrafo, ele se cerca de garantias. Trabalha em equipe, a fim de evitar uma responsabilidade pessoal quanto à aceitação ou rejeição de um neologismo. Baseia-se em obras lexicográficas anteriores e daí resulta um certo parentesco freqüentemente observado no gênero. A defasagem observada entre o emprego de um neologismo na imprensa ou em escritores, cuja notoriedade na comunidade constitui uma espécie de julgamento de aceitabilidade, e seu registro num dicionário é conseqüência da prudência do lexicógrafo. Mas essa prudência é necessária e solidifica o registro do neologismo, tornando-o efetivamente aceito pela comunidade.

* Consideramos frequentes os elementos diferentemente repartidos entre os vários textos analisados.

ALVES, I.M. — A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português. *Alfa*, São Paulo, 28(supl.):119-126, 1984.

ALVES, I.M. — L'intégration des néologismes par emprunt au lexique portugais. *Alfa*, São Paulo, 28(supl.):119-126, 1984.

RÉSUMÉ: Les termes étrangers employés dans une langue peuvent être des xénismes et des emprunts. Ayant comme source un corpus constitué d'exemples pris dans des revues et des journaux brésiliens contemporains, on a essayé d'étudier la phase néologique de l'emprunt et son intégration à la langue portugaise.

UNITERMES: Néologie; néologie par emprunt; xénisme.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BIDERMAN, M.T. — *Teoria lingüística (lingüística quantitativa e computacional)*. Rio de Janeiro, LTC, 1978.
2. BLOOMFIELD, L. — *Le Langage*. Trad. do inglês de J. Gazio. Paris, Payot, 1970.
3. BOCHEMANN, K. — Conditions sociales et conditions linguistiques de la néologie lexicale et leur place dans un modèle de la production lexicale. *Philologica Pragensia*, Praga, 20(2): 79-87, 1977.
4. BOULANGER, J.C. — Néologie et terminologie. *Néologie en Marche*, Montréal, 4: 5-128, 1979.
5. DEROY, L. — *L'emprunt linguistique*. Paris, Les Belles Lettres, 1956.
6. DUBOIS, J. — L'emprunt en français. *L'Information Litteraire*, Paris, 10-6, 1963.
7. FERREIRA, A.B.H. — *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.
8. FRANOLIC, B. — Adaptation secondaire ou la dérivation des emprunts d'origine française en croate. *Lingua*, Amsterdam, 40: 247-61, 1976.
9. FRANOLIC, B. — L'intégration des suffixes étrangers (français) dans le système suffixal croate. *Lingua*, Amsterdam, 27: 355-66, 1971.
10. GEORGE, K.E.M. — Anglicisms in contemporary French: II — Linguistic aspects. *Modern Languages*, London, 57: 63-8, 1976.
11. GUILBERT, L. — La créativité lexicale. Paris, Larousse, 1975.
12. GUILBERT, L. — L'emprunt. In: *Grand Larousse de la langue française*. Paris, Larousse, 1971 — 8.T.II.
13. GUIRAUD, P. — *Les mots étrangers*. Paris, PUF, 1971.
14. HAUGEN, E. — The analysis of linguistic borrowing. *Language*, Baltimore, 26: 210-31, 1950.
15. HUMBLET, J. — Vers une typologie de l'emprunt linguistique. *Cahiers de Lexicologie*, Besançon, 25(2): 46-70, 1974.
16. JESPERSEN, O. — *Language. Its nature, development and origin*. 10. ed. London, G. Allen & Unwin, 1954.
17. MACHADO, J.P. — Notas soltas sobre a influência arábica na língua portuguesa. *Boletim Mensal da Sociedade de Língua Portuguesa*, 14: 262-72, 1963.
18. MATTOSO CÂMARA JR., J. — *Princípios de lingüística geral*. 4. ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1970.
19. QUEMADA, B. — A propos de la néologie. *La Banque des Mots*, Paris: 2, 137-50, 1971.
20. SAUSSURE, F. de — *Curso de lingüística geral*. Trad. de A. Chelini, J.P. Pais e I. Blikstein. São Paulo, Cultrix, 1970.
21. SCHANK, G. — Vorschlag zur Erarbeitung einer perationalem Fremdwortdefinition. *Deutsche Sprache*. 2: 67-88, 1974. Apud por KIRKNESS, A. Sobre a lexicologia e lexicografia das palavras estrangeiras. In: *Problemas da lexicologia e lexicografia*. Trad. e intr. de M. Vilela. Porto, Civilização, 1979, p. 236-7.
22. VOCADLO, O. — Some observations on mixed languages. 4th. *International Congress of Linguistics*: 169-76, 1936. Apud MAURIS, J. — Problématique de l'emprunt lexical. *Travaux de Terminologie et de Linguistique*. Québec, 1:87-103, 1982.
23. WEINREICH, U. *Languages in contact*. 8. ed. The Hague Paris, Mouton, 1974.